

Médico de Família – problema ou solução?

Em 2001, Manuel Villaverde Cabral, professor do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, publicou, com os seus colaboradores, um estudo intitulado "Saúde e Doença em Portugal", que não foi, na minha opinião, suficientemente divulgado, sobretudo entre a própria classe médica.

Esse estudo, baseado numa amostra representativa da população adulta, traça o retrato dos comportamentos e atitudes dos portugueses perante a saúde e a doença, bem como a opinião que têm sobre o Serviço Nacional de Saúde e os seus profissionais.

O estudo afirma que o médico de família "é a pedra angular do funcionamento do sistema". Dos inquiridos, 58% considerou que a sua relação com o médico de família era boa e 16% consideraram-na muito boa.

"Estes resultados apontam para a forte relação de dependência em que grande parte da população se coloca, perante aquilo a que vulgarmente se chama o poder médico", afirma Villaverde Cabral.

Sendo assim, a responsabilidade dos médicos de família no âmbito do Serviço Nacional de Saúde é muito maior do que muitas vezes se pensa, sendo lamentável que existam tantos portugueses sem médico de família atribuído.

Com a crónica falta de médicos e com a preferência que os recém-licenciados em Medicina demonstram pelas especialidades hospitalares, bem como com o envelhecimento dos profissionais, que vai conduzir, em breve, à aposentação de muitos médicos de família - é urgente encontrar novas formas de tornear o problema.

Neste sentido, a criação das Unidades de Saúde Familiares (USF) pode ser uma grande ajuda. Por um lado porque, nas USF, cada médico se compromete a aumentar a sua lista de utentes, para além dos 1500 consignados na lei, o que permite que mais utentes passem a ter médico de família. Por outro lado, porque se cria uma cultura de trabalho em equipa e os próprios utentes sabem que, caso não possam ser consultados pelo seu médico de família, sê-lo-ão por outro membro da equipa.

Assim, a solução do problema da falta de médicos de família passa, também, pelas USF, mas é necessário acelerar essa reforma.

Ficar muito tempo com dois sistemas, isto é, com médicos organizados em USF e outros a trabalhar isoladamente, sem espírito de equipa, vai criar desigualdades, a que os utentes são alheios, pois

não têm culpa de terem escolhido um médico de família que não faz parte de uma USF.

Artur Couto e Santos